

finanças internacionais, 38 operavam no Brasil e, destas, 21 faziam parte das 200 grandes "empresas brasileiras". Em crítica ao trabalho de Levinson, aliás, o economista brasileiro Francisco de Oliveira mostrava como o título era apenas disfarce: os grandes trustes e monopólios adotaram-no como forma de atenuar, diante da consciência dos exploradores, a brutalidade da exploração.<sup>4</sup>

Que a denominação de multinacionais apenas representa esfarrapado disfarce é fácil comprovar. Já a Colômbia comprovava isso, em 1969, quando os assessores econômicos do Governo verificaram que "as filiais das grandes empresas estrangeiras radicadas em seu país revelavam perdas em suas declarações fiscais", ano após ano, enquanto "o número de aquisições de empresas nacionais por seus competidores estrangeiros crescia continuamente".<sup>5</sup> Ali, como no Brasil, o problema estava "na reduzida dimensão do sistema financeiro nacional, em confronto, não apenas com os grandes bancos estrangeiros, mas ainda para os próprios padrões de complexos industriais multinacionais ou estatais em operação no país".<sup>6</sup> Ora, nos primeiros dias de maio de 1974, constatavam-se, aqui, negociações para a compra de posição minoritária na *holding* controladora do Banco Ipiranga de Investimentos pelo First National Bank of Chicago, depois que o Crefisul cedera larga participação ao First National Bank of New York; o Bozzano Simonsen cedera parcela de seu capital ao grupo norte-americano Mellon; o Bank of America associara-se ao Bradesco; e o Investibanco, antes de ser absorvido pelo União Comercial e de este levar à breca, contava com muitos acionistas estrangeiros.<sup>7</sup>

Que importância tinha isto, entretanto, diante de "milagres" como o operado por Augusto Trajano de Azevedo Antunes, que comprava, em 1974, o maior exportador brasileiro de carnes, a empresa Swift-Armour, culminando, até o momento citado, uma carreira meteórica, que se iniciara quando a Bethlehem Steel o ajudara a conseguir, em 1947, empréstimo de 35 milhões de dólares no Banco Mundial e 65 milhões no Eximbank, para organizar a ICOMI? O referido homem de empresa, realmente, alcançara posição destacada: "Na ICOMI (Indústria e Comércio de Minérios), ele tem como sócio a Bethlehem Steel, o segundo truste internacional do aço. Na Aço Anhangüera, seus sócios são a SKF (sueca, maior indústria de rolamentos da Europa) e a mesma Bethlehem Steel. Na MBR (Minerações Brasileiras Reunidas), seus parceiros não são menos importantes: a famosa Hanna Mining Company, a National Bolk Carriers, a Nippon Steel, além de muitos outros. Na Brumasa (Bruynzeel Madeiras), seu sócio é a maior madeireira do mundo, a Bruynzeel V. N., e também a já citada Bethlehem Steel. E agora, caso o negócio do Swift-Armour seja realizado, Antunes somará à sua lista de importantes sócios e amigos — além do grupo canadense que controlava o frigorífico — o Kings Ranch, o maior criador de gado do mundo".<sup>8</sup> O jornal informava, ainda, sobre tão conspicua figura: "As excelentes relações de Antunes podem ser vistas,

<sup>4</sup> Charles Levinson: *Capital, Inflação e Empresas Multinacionais*, Rio, 1972. A crítica de Francisco de Oliveira apareceu em *Opinião*, nº 6, Rio, 18 de dezembro de 1972. Nela, o articulista lembrava que, na França como no Brasil, a legislação habilita "as pessoas de altas rendas a não pagarem imposto de renda, desde que invistam".

<sup>5</sup> Em *Crítica*, Rio, 9 de agosto de 1974.

<sup>6</sup> No *Jornal do Brasil*, Rio, 21 de março de 1974.

<sup>7</sup> No *Jornal do Brasil*, Rio, 3 de maio de 1974.

<sup>8</sup> Em *Opinião*, nº 4, Rio, 27 de novembro de 1972.